JORGE GUIMARÃES

teatro

MARIANNA ALCOFORADO

HUGIN

Editor: Hugin Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009-001 Lisboa
Tel.: 21 813 0139 - Fax: 21 814 4212
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Pirata Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Relgráfica - Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 972-8534-26-4

Depósito Legal: 149790/00

Primeira edição: Maio de 2000

© 2000, Jorge Guimarães

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Marianna Alcoforado

PERSONAGENS

SÓROR MARIANNA quando tem quarenta e cinco anos. É indispensável que ela tenha um grande apelo sensual. Nasceu em Beja em 1640.

SÓROR MARIANNA quando tem vinte anos. (As duas personagens deverão, tanto quanto possível, ser feitas pela mesma actriz.)

PADRE CORREA, sacerdote jesuíta, cedido pela Companhia ao Tribunal do Santo Ofício para inquirir junto da Freira. Terá cerca de cinquenta anos, embora a idade neste género de padres não seja importante.
Mas a variação não deverá ser exagerada, há nele um peso de experiência, senão mesmo um certo cansaço.

DOM FRANCISCO, Bispo Inquisidor. É um homem de meia idade com modos de mais velho.

IRMÃ ÚRSULA, freira recém professa, vinte e dois anos.

O CAVALEIRO, espectro de Noel Bouton, à idade com que morreu.

NOEL BOUTON, Conde de Saint-Léger, mais tarde Marquês de Chamilly, quando tem vinte e cinco anos. (Idealmente o actor para esta personagem deverá ser Francês.)

MADRE TERESA, mulher de meia idade.

O Convento de Conceição em 1685. Trata-se naturalmente de um espaço fechado e não apenas pela clausura das freiras mas também, como é uso em Beja, como defesa contra o excesso de luz e do calor. No Inverno a luz é baixa e lá dentro mal se vê.

O Fundo fecha-se com o grande portão da entrada. À Direita estão as grades que dão acesso ao coro da igreja. À Esquerda fica a cela de Sóror Marianna com as suas pertenças e bragal. Aí, destacada por alguns degraus fica a sua Janela.

Ao Centro Direita o grande salão de recepção.

PRIMEIRA PARTE

1ª CENA

É noite. Lucila apenas uma pequena lamparina. Obscuridade. Há um fundo de vento que cresce. Que continua a crescer. Gemido que se transforma em grito. Abranda.
Marianna que estava deitada e vestida em cima da cama, levanta-se e acende uma lanterna. Ouve-se, arrastada, a sineta da porta como se fosse abanada pelo vento. Marianna pára, em dúvida. Sai da cela. Ouvem-se os seus passos no lagedo. E depois a sua voz:

MARIANNA

Quien es? Quien sona la campana?
(Pausa.) Quien es?

De novo o gemido do vento.

Portanto non es nadie!

Fica ali uns instantes e desce pelo Centro. As luzes apagam-se.

2ª CENA

As luzes abrem-se à D., do lado do Coro. Marianna e o PADRE CORREA estão sentados.

MARIANNA

É o vento de Dezembro, o vento cão. Vento perro, o vento da fome. As pedras lá fora estão mais frias do que o céu. Pe. Correa, por que é que o céu é gelado?

PE. CORREA

O céu não é gelado, Irmã Marianna, gelado não pode ser.

MARIANNA

O céu é gelado, Pe. Correa.

PE. CORREA

Não, Irmã, o céu não é gelado. Tenho a certeza.

MARIANNA

Sim, Pe. Correa, o céu é gelado. Digo-lho eu, que já lá estive.

PE. CORREA

Não, Irmã, não foi no céu que a Senhora esteve...

MARIANNA

Foi no céu, Pe. Correa, tenho a certeza!

PE. CORREA

Então diga-me lá como é que é o céu, Irmã Marianna.

MARIANNA

O céu é escuro, Pe. Correa. Não completamente escuro, mas bastante escuro. Só distinguimos quem está ao pé de nós. E é muito frio, muito frio, Pe. Correa! Muito frio por fora. Por fora ainda é mais frio do que as pedras numa noite de Dezembro! É assim como um charco numa noite sem lua no mês de Dezembro. Mas por dentro é muito quente, Pe. Correa. É tão quente, tão quente por dentro, que a pele nos queima ao contacto com a roupa. Tudo está a arder por dentro, Pe. Correa. A garganta está a arder, as plantas dos pés estão a arder, as têmporas da cabeça estão a arder. O céu é uma febre, Pe. Correa!

PE. CORREA

Eu acho que a Irmã está a descrever o inferno: tudo negro, gelado por fora e a arder por dentro, isso é antes o inferno!

MARIANNA

Eu não falei em negro, falei em arder por dentro, Pe. Correa. Estaremos os dois a falar do mesmo?

PE. CORREA

Pareceu-me que a Irmã tinha dito isso...

MARIANNA

Não disse, Pe. Correa, embora o meu céu também seja assim, – negro e a arder por dentro! E completamente gelado por fora! – V. Rev^a^. acha mesmo que o céu não é gelado por fora?

PE. CORREA

Não, Irmã Marianna, eu acho que a Senhora está a descrever o inferno. (Eu acho que a Senhora tem disso alguma experiência.)

MARIANNA

Se calhar estamos os dois a falar da mesma coisa, – mas damos-lhe nomes diferentes!

PE. CORREA

Não, Irmã, o que a Senhora tem estado a fazer é a blasfemar. A cavar ainda mais o fosso do seu inferno.

MARIANNA

O fosso do meu inferno tem quinhentas léguas: já o medi! Parece-me que já não vale a pena cavá-lo mais.

PE. CORREA

Mas a Irmã vai-o cavando todos os dias mais um bocadinho. Um bocadinho mais fundo...

MARIANNA

O fosso do meu inferno não fui eu que o cavei, Pe. Correa. Este meu fosso tem quinhentas léguas de comprido, e outras tantas de fundo. Já não consigo sair dele.

PE. CORREA

Se a Irmã quiser, consegue. Se quiser, com uma simples palavra, consegue livrar-se dele. *(Pausa.)* Basta que diga, e que sinta, que abjura do demónio!

MARIANNA

Mas neste meu inferno não há qualquer demónio. Não há ninguém, Pe. Correa! No inferno não há ninguém. – Só eu!

PE. CORREA *(Rindo-se.)*

Grande chança, Irmã Marianna, queria então um inferno só para si?

MARIANNA

Há um inferno para cada um de nós, Pe. Correa. E não há lá mais ninguém. No meu só existo eu. É assim.

PE. CORREA

E quem é que lhe faz supor isso?

MARIANNA

Ninguém mo faz supor, eu estou lá!

PE. CORREA

Não não: onde a Irmã está é no Convento da Conceição!

MARIANNA

Isso é mesmo onde eu não estou, Pe. Correa! Isso do Convento da Conceição é um logro! Mas reconheço que Rev^{a}. talvez tenha alguma razão: é que eu, se calhar, misturo o céu com o inferno!

PE. CORREA

Então, e como é o seu inferno, Irmã Marianna?

MARIANNA

Ah o meu inferno é assim cinzento, como um dia de chuva em Dezembro, tão cinzento que não se vê nada! E é também muito frio, mais frio ainda por dentro do que por fora! Chove sem parar. Chove sempre. E não se tem onde estar, nem por dentro, nem por fora!

PE. CORREA

Mas tem lá um demónio, Irmã...